



## II ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Trabalho apresentado no II ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 03 a 05 de maio de 2006, na Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

### **CINEMA, SALVADOR E CIDADE BAIXA.**

Elisabete Barbosa dos Santos<sup>1</sup>

Trabalho apresentado em fevereiro de 2006, como fechamento da disciplina “Teorias da Cidade”, cursada em 2005.2, com a Professora Bárbara Freitag-Rouanet (UNB), no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia.

#### **RESUMO**

A idéia deste trabalho é analisar algumas imagens urbanas da Cidade Baixa de Salvador, captadas pelos filmes *Esses Moços* (2005) e *Cidade Baixa* (2005) à luz de informações do contexto histórico, socioeconômico e cultural deste lugar e através dos estudos de Milton Santos e outros autores que refletiram sobre urbanidade, Cidade Baixa e Cinema. Os dois longas-metragens de ficção foram realizados na Cidade Baixa de Salvador, respectivamente pelos diretores baianos, José Araripe Jr e Sérgio Machado. O trabalho do geógrafo baiano Milton Santos teve como propósito interpretar e demonstrar como se deu a evolução da região e o processo de formação e transformação do Centro de Salvador, instalado nas chamadas Cidade Baixa e Cidade Alta no final dos anos 50.

**Palavras Chave:** Cinema, Cidade Baixa, Urbanização e Salvador.

“Começa a chegar às telas neste mês uma vigorosa safra de filmes do Nordeste. Aos baianos *Cidade Baixa* de Sérgio Machado, *Esses Moços*, de José Araripe, e *Eu me lembro*, de Edgar Navarro (em finalização), juntam-se os pernambucanos *Cinemas Aspirinas e Urubus*, de Marcelo Gomes, e *Árido Movie*, de Lírio Ferreira, para configurar uma invasão renovadora que não se via desde a fase heróica do Cinema Novo, nos anos 60”. (José Geraldo Couto, in BRAVO on line ‘Outra Bahia’ 16/12/05).

O Cinema Novo, citado acima pelo crítico José Geraldo Couto, surge no Brasil no final dos anos 50. A visão com a qual as comédias nacionais e a Vera Cruz e suas produções enfocavam e representavam a realidade nacional preocupava um grupo de intelectuais e estudantes. O Cinema Novo surge com propostas, conflitos de idéias e

---

<sup>1</sup> Aluna Especial e Servidora da UFBA/Coordenação de Arte Cultura, Pró-Reitoria de Extensão.

realizações que vieram, decisivamente, mudar as relações do cinema brasileiro com o Estado e a dar lugar a produções críticas, preocupadas com a condição de subdesenvolvimento do país (LEITE, 2005: 91-96). Na Bahia, entre vários nomes, destacava-se o jovem baiano Glauber de Andrade Rocha que, em 1958, assume no recém criado Jornal da Bahia a coluna “Jornal de Cinema”. Glauber faz parte de um novo grupo de críticos e cineastas que crescia inspirado por *Walter da Silveira*, em torno do Clube de Cinema da Bahia<sup>2</sup>. Glauber via o cinema como expressão estética, social e política. Despertado pelo impacto de *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos, Glauber foi, certamente, um dos que mais acreditou que naquele momento estava surgindo um novo cinema no Brasil a partir da descoberta de uma nova perspectiva estética, que surgia também com os promissores anos JK (CARVALHO, 2003). Salvador tem uma antiga e forte relação com o cinema. Dois anos após aquela que é documentada como a primeira exibição de cinema, em um café de Paris, Salvador já estreava uma sessão pública de cinema no Theatro Polyteama, privilégio anterior somente do Rio de Janeiro<sup>3</sup>, onde um filme teria sido exibido pela primeira vez em um cinema no Brasil (FONSECA, 2002: 80-81). Desde a segunda metade do século XIX, diferentes grupos sociais de grandes centros urbanos brasileiros passaram a circular e a freqüentar com mais assiduidade as ruas e, com isto, as pessoas começaram a experimentar uma maior faixa de diálogo e a estabelecer contatos pessoais mais diretos, especialmente pela diversidade de ocasiões criadas pelo novo cotidiano. A rua que não era espaço das elites, e quase nunca era usada como espaço para sociabilidades passou a demandar medidas que adequassem seu espaço urbano; acerca disto veja-se o que diz Raimundo Nonato Fonseca:

Tal processo estava associado à perda progressiva do caráter meramente comercial militar e administrativo do espaço urbano que passou também a ser um local de convivência e deleite das camadas mais abastadas. A cidade deveria tornar-se um espaço prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável. No projeto de

---

<sup>2</sup> O Clube de Cinema da Bahia, criado em 1950, tinha como proposta, além de ser uma associação de cultura cinematográfica, projetar filmes de valor artístico, construir uma filmoteca e biblioteca especializada em publicação de periódicos. O Clube promovia ainda cursos, conferências, debates e mostras dos mais variados e importantes filmes da cinematografia mundial.

<sup>3</sup> “Menos de sete meses depois de estrear em Paris, em 28 de dezembro de 1895, o cinematógrafo chegava ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro, o maior centro cultural do país. A cidade vivia uma verdadeira revolução na área de entretenimento, fruto das grandes transformações socioeconômicas pelas quais passava, industrialização, explosão demográfica, reformas urbanas etc., mudanças de caráter estrutural que iriam condicionar a emergência de novos hábitos e costumes” (FONSECA, 2002: 77).

reforma urbana, as ruas, até então um espaço preferencialmente destinado a negros, mulatos, vadios, mendigos, prostitutas e boêmios, precisavam ser ocupadas pelas famílias, pelos senhores de cartola, leais senhoras e moças vestidas de acordo com a “última moda de Paris” (FONSECA, 2002: 30).

No prefácio do livro de Milton Santos, antes apresentado em 1958, como tese de seu doutoramento na Universidade de Strasbourg, tendo como título *O Centro da Cidade do Salvador: estudo de geografia urbana*, publicado ainda no mesmo ano pela Progresso Editora, Pinto de Aguiar nos apresenta o trabalho do professor como uma nova posição conceitual e moderna do espaço que transforma a geografia. Milton Santos descortina o processo de urbanização de Salvador, particularmente do Centro da cidade, concentrado na Cidade Baixa e Cidade Alta, com um olhar especial e atento a um país que se transformava. Identifica-se, naquele momento, um esforço conjunto na tentativa de “recolocar a Bahia” no seu devido lugar, pelo destaque que tem na história sociocultural brasileira:

Em torno do final dos anos 1950, conforme o discurso desenvolvimentista que caracterizou o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), promovia-se a imagem da Bahia como a de um Estado em franco progresso, no caminho da modernidade e, ao mesmo tempo, corajosamente preservado em suas fortes raízes culturais. A idéia corrente, muito difundida pela imprensa baiana, era a de que Salvador, por sua história, situação geográfica privilegiada e rica tradição cultural, seria a única cidade brasileira com possibilidades de tornar-se uma síntese do país, uma referência do Brasil para o mundo. E o Cinema, ao lado de outras manifestações artísticas, fazendo parte de um processo geral de modernização técnica que então se verificava em Salvador, teria um papel importante na construção daquele sonho baiano de fazer da antiga Cidade da Bahia capital cultural do país. (CARVALHO, 2003: 50).

Salvador, a mais antiga capital brasileira, fundada em 1549, já nasceu – como cita Milton Santos - “cidade de dois andares”: a Cidade Alta e a Cidade Baixa. O sítio escolhido pelos portugueses para abrigar a primeira capital do Brasil, segundo o geógrafo, ficava no “cume de uma colina caindo em forte declive até a extremidade das margens de uma baía abrigada, sobre um dos lados da península que separa a Baía de Todos os Santos e o Oceano Atlântico” (SANTOS, 1958: 35). Em um ano estava construída a cidade que Tomé de Souza cercou com casas e muros de taipa. A cidade sede do Governo teve ao mesmo tempo a função de capital administrativa e Praça Forte.

No início do séc. XVIII, segundo Antonio Risério, Salvador já havia se transformado realmente numa cidade. “[...] numa cidade imponente e senhorial. O

bairro da Praia, também chamado de “Cidade Baixa”, corria tortuosamente da Preguiça em direção à Jequitaiá, com prédios de três e até quatro andares” (RISÉRIO, 2004: 211). Desde o início de sua vida urbana se destaca sua função portuária, marcando as diferentes etapas de valorização do território. Nos anos coloniais era por este Porto que principalmente se exportava o açúcar e por onde entravam os escravos trazidos da África para trabalhar nas lavouras de cana de açúcar. Por ele transitavam também importantes produtos alimentares vindos de outros lugares. Salvador, nesta época, era o único “entreposto” de escoamento de toda produção do Recôncavo. Como disse Milton Santos, como capital econômica do Recôncavo; Salvador passa a viver um papel verdadeiramente urbano. Antonio Risério em seu *Uma História da Bahia*, nos fala ainda que havia uma articulação orgânica entre os espaços urbano e rural. Salvador não vivia sem o Recôncavo, e o Recôncavo não vivia sem sua capital. E cita uma observação de István Jancsó, que exemplifica um pouco a intensidade e importância da relação entre Salvador o Recôncavo baiano na época: “A cidade e o Recôncavo formavam um todo notavelmente integrado e integrador”. E continua Risério:

As muitas águas da região, fossem elas praias ou interioranas, marítimas ou fluviais, eram constantemente cruzadas nas mais variadas direções, com os barcos, os saveiros e as canoas transportando, de um lado para outro, *números e inúmeras mercadorias*. De certa forma, podemos dizer que ilhas e vilas do recôncavo, juntamente com a cidade da Bahia, formam um só rendilhando - uma poética historicamente solidária (RISÉRIO, 2004: 214).

Em ambos os filmes recém-lançados os personagens centrais chegam a Salvador pelo mar. Segundo o geógrafo Milton Santos, Salvador oferece aos que chegam pelo mar o espetáculo de um presépio, com suas casas parecendo empilhadas umas sobre as outras. Em *Esses Moços*, as personagens mirins Daiane e Lene, fugindo de casa, chegam à cidade de Salvador de Ferry Boat, debaixo de uma lona, numa camionete que transportava frutas, na qual possivelmente, pegaram carona na Ilha de Itaparica. Os três personagens centrais de *Cidade Baixa*, Naldinho e Deco e a jovem Karina, uma bailarina e prostituta com quem seus caminhos se cruzaram, chegam à cidade a noite, vindos de Cachoeira, também Recôncavo da Bahia. É especialmente emblemático o fato dos dois filmes situarem Salvador vista do mar.

As mercadorias vindas do Recôncavo eram transportadas por saveiros e barcos. Assim como ainda fazem no filme Deco e Naldinho, que têm um barco como instrumento de trabalho e como moradia provisória. Não por acaso o barco de Naldinho

e Deco fica ancorado na Rampa da Feira. Este mesmo local também se pode ver ao fundo em cena de *Esses Moços*, com Diomedes e as meninas. Hoje com o nome de São Joaquim e ocupando uma área bem menor, a Feira é espaço onde os dois amigos transitam com agilidade e bastante intimidade<sup>4</sup>. Além da relação comercial no transporte das mercadorias que levam e trazem do Recôncavo para a Feira, como acontece também com personagens de *A Grande Feira*, naquele lugar, eles acham um jeito de “tirar um por fora”. Vale observar que ali, além da informalidade, também se vive em um mundo muito próximo da marginalidade. Enquanto esperam a contratação de uma próxima carga, por exemplo, um dos personagens de *Cidade Baixa* aceita uma arma e uma proposta para realizar assalto. Em *Esses Moços*, a vida dura e o desamparo dos que vive nas ruas, mostra que a violência a estilo “Crime da Candelária” do Rio de Janeiro, lamentavelmente, pode acontecer em qualquer outra grande cidade. Faltando de espaço e tempo, não se pode deixar de remeter aqui a *A Grande Feira*, de Roberto Pires, para também ilustrar este texto. Assim como os dois filmes analisados, este é um filme quase que totalmente ambientado na Cidade Baixa de Salvador. Apresenta uma trama em torno da provável destruição da Feira de Água de Meninos para investimentos imobiliários, tendo como foco o problema dos feirantes com a possibilidade do fim da Feira, a pobreza e a luta pela sobrevivência em uma Salvador que crescia e se modernizava (CARVALHO, 1999: 223). *A Grande Feira* foi lançado em 1961, poucos anos após a defesa da tese de Milton Santos sobre o centro de Salvador. Ambos, registros praticamente do mesmo período, focados na questão do desenvolvimento social urbano do centro de Salvador.

*A Grande Feira* tem como cena inicial – e também final – uma ambientação na parte baixa da cidade, especificamente na entrada do Elevador Lacerda, com um poeta popular anunciando o fim da Feira de Água de Meninos pela cobiça dos “tubarões”. Ficção e realidade se confundiam, não era somente a história do cordel que ele vendia como também a história real de uma cidade.

Observado de perto pela câmera, um homem compra um dos livros oferecidos pelo poeta e sai andando em direção à rampa do Mercado Modelo. Ele entra em um saveiro, no trajeto marítimo em direção à feira, a câmera mostra o perfil da cidade do Salvador, personagem principal da história, ao longo da baía de Todos os Santos (CARVALHO, 2003: 133).

---

<sup>4</sup> Após sofrer um incêndio em 1964, a Feira de Água de Meninos é transferida para um espaço menor, na Enseada de São Joaquim, passando assim a ser chamada de Feira de São Joaquim.

Este trajeto feito pelo personagem de a *Grande Feira* parece ter sido bastante comum. De barcos e saveiros também se ia da Rampa do Mercado para a Feira de Água de Meninos e para outras feiras espalhadas pela beira-mar da cidade, pontos de diálogo de Salvador com o Recôncavo. Luís Paulino, em seu documentário *Um dia na Rampa*, registrou o movimento de todo um dia na Rampa do Mercado. Com o século XX vieram as grandes transformações urbanas em Salvador. Adaptou-se a velha estrutura urbana para o trânsito de transportes mecânicos, como os automóveis e bondes elétricos. As obras do Porto de Salvador tiveram seu início em 1891 e sua primeira fase inaugurada em 1913, sendo finalizado em 1930. Ocasão em que foram construídos novos armazéns e depósitos. Nas suas proximidades surgem novas companhias de seguros, sede de bancos, entre outros, como os Bancos do Brasil e Econômico, construídos a partir de 1928.

Inaugurado em 1869, o Elevador Lacerda é até hoje um dos principais cartões postais da cidade, e indiscutivelmente, o elemento mais simbólico de representação da ligação da Cidade Baixa com a Cidade Alta. Reformado em 1928, passou a ser movido a energia elétrica. Presença constante nos cartões postais, em fotos, filmes, videoclips, na música, na literatura e nas artes plásticas, em tudo que queira imediatamente simbolizar a “identidade baiana” tão importante quanto a figura da baiana, o acarajé, a capoeira e a imagem do Farol da Barra. O Elevador Lacerda é um ícone que identifica a cidade e sua baianidade. Além de *A Grande Feira*, de Roberto Pires, são muitos os filmes que o tomam como referência. Somente para lembrar alguns como o média-metragem *O Super Outro*, de Edgar Navarro, em que o Elevador é escolhido pelo personagem para seu triunfal salto suicida de “super-herói”. Este também é o caso da filmografia baiana mais atual, como o documentário *Samba Riachão*, de Jorge Alfredo Guimarães. A abertura do filme é a figura emblemática de Riachão subindo a ladeira da Conceição da Praia, que liga a Cidade Baixa à Cidade Alta, de boné e com sua inseparável toalha no pescoço, pandeiro na mão e pose de passista. O assunto é samba, mas o Elevador Lacerda está lá no fundo, lembrando nos que estamos na Bahia. Antes do Elevador Lacerda a conexão entre os dois níveis da cidade era feita pelas ladeiras, como a da Conceição da Praia, a da Montanha ou a da Misericórdia, onde podemos encontrar obra da arquiteta e *designer* Lina Bo Bardi.

Consta que o primeiro Plano Inclinado surgiu em 1932, contribuindo para modificar a dinâmica do comércio. Em 1940 a Cidade Baixa já contava com a Avenida

Jequitiaia, crescendo paralelamente à baía. Um trecho da cidade onde muitas construções tinham funções de comércio embaixo e de residência em cima, em prédios de quatro a cinco andares. Com os aterros feitos na década de 30, a instalação do Porto e os avanços tecnológicos da navegação, os antigos trapiches começaram a perder sua função. Segundo Milton Santos, no final da década de 50 já havia mais de 50 imóveis acima de oito andares na área central da cidade (SANTOS, 1958: 108). A Cidade Alta também adaptou e alargou suas vias de tráfego, para atender às novas exigências urbanas e ao aumento da circulação entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta. Na sua planície artificial a Cidade Baixa abrigou recentes e belas construções, assim como avenidas pavimentadas.

O cinema era a principal atividade de lazer em Salvador nos anos 1950. Era “o único divertimento realmente popular” naquela cidade onde “pouco ou quase nada” se tinha para fazer. Talvez por isso, além da crítica à programação dos cinemas, as observações sobre a qualidade de suas instalações e equipamentos e, sobretudo, a discussão para definição para o preço dos ingressos ocupam constantemente grandes espaços nos jornais. Esses debates consideravam sempre insuficiente o número de salas de projeção existentes na capital baiana em relação a sua população que, entre 1956 e 1961, situava-se em torno de seiscentos mil habitantes. (O “Cartaz do Dia” do Estado da Bahia de 31 de dezembro de 1957, por exemplo, apresentava a programação de 22 cinemas, onze<sup>5</sup> dos quais encontravam-se nos bairros centrais da cidade). (CARVALHO, 1999:171).

Glauber, talvez o mais polêmico entre os representantes do Cinema Novo, que no mesmo período de realização de *A Grande Feira*, dirigia *Barravento*, outra obra da chamada “Trilogia da Fome”, sabia que seu filme iria contrariar a imagem da Bahia turística, exótica e rica em belezas naturais. Uma atitude crítica à imagem da “alegre Bahia”. Na base dessa trajetória as injustiças sociais, principalmente a fome, “enquanto manifestação máxima da exploração do homem pelo homem”, logo chamada “estética da fome”, base conceitual do Cinema Novo. A influência do neo-realismo italiano contribuía para um novo modo de perceber e representar a realidade (CARVALHO, 2003). Em *A Grande Feira* ficção e realidade se confundem. A realidade imita a ficção, como no caso de *A Grande Feira*, que primeiro sofreu um incêndio na ficção, para poucos anos depois, lamentavelmente também tornar se realidade. Difícil não pensar na “estética da fome” ao se ler a declaração de Sergio Machado, diretor de *Cidade Baixa*, em entrevista à imprensa<sup>6</sup>, ao conhecer melhor a região onde escolheu para seu filme:

---

<sup>5</sup> Desses onze cinemas localizados nos bairros centrais da cidade neste período de 1957, nenhum estava localizado na Cidade Baixa.

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao jornalista Cleber Eduardo para a Revista *Época*, logo após a premiação de *Cidade Baixa* em Cannes.

Uma das coisas que mais me interessa no Brasil é a capacidade que as pessoas têm de se reinventarem. Durante o período de preparação para as filmagens fiquei um bom tempo freqüentando o que se poderia chamar de submundo de Salvador. O que mais me impressionou foi por um lado a falta de perspectiva das pessoas e do outro a insistência que elas tem em não desistir, de improvisar, de encontrar soluções para de algum modo chegar no dia seguinte. O *Cidade Baixa* fala de gente à deriva. Tentei entender estas pessoas através das suas relações amorosas. Quis fazer um filme sobre gente. *Cidade baixa* não é um tratado sobre putas e malandros ou sobre a classe baixa da Bahia. Acho que o filme traz uma visão de dentro desse universo, um olhar delicado sobre uma realidade dura. Acho que eu faço cinema para dizer que de perto as pessoas são muito parecidas (In: Revista Época, on line, acessada em 06 de novembro de 2005).

A realidade dos filmes de Araripe Junior e Sérgio Machado nos remete ao tema da fome enquanto necessidade de um olhar especial, fome de cidadania, de companheirismo, de ter um alguém com quem contar, como as meninas e o velho de *Esses Moços*, ou de uma grande paixão como a dos três personagens centrais de *Cidade Baixa*. Perguntado ao cineasta José Araripe Junior o porquê ter escolhido a Cidade Baixa de Salvador para realizar seu filme *Esses Moços*, ele respondeu:

Escolhi a Cidade Baixa por uma pulsação inconsciente de lembranças cinematográficas, no meu gênese de cineasta, lá atrás, menino, fazendo Super 8 com 14 anos. Ali estive e nunca mais tirei da minha memória as texturas humanas e históricas que fazem deste um lugar naval, ferroviário e impregnado de uma pátina social que se apresenta como um lado esquecido da cidade e de todos nós. (Entrevista concedida a autora em via em 17/12 /2005)

Em *Esses Moços* as locações passeiam desde a Ilha de Itaparica até São Tomé de Paripe, passando pela área do Comércio, Igrejas da região, Feira de São Joaquim, Ribeira e pelo Subúrbio Ferroviário. O personagem de Diomedes em seus passeios na Cidade Baixa, anda de Plano Inclinado e no trem da Estação da Calçada, meios de transporte utilizados especificamente por quem vive e transita pelo Subúrbio e Cidade Baixa. No filme são exibidas cenas internas e externas da Estação, além de um passeio de trem onde podemos contemplar, com Diomedes, o trajeto ferroviário, com direito a um belo pôr-do-sol no subúrbio. No monumento em frente à entrada principal da Estação, as menores Lene e Daiane reencontram o casal amigo do velho Diomedes, que, aliás, era ferroviário e ainda tocava na filarmônica da Estação.

Em 1961, o Clube de Cinema da Bahia já era uma realidade, com sua primeira sede no Museu de Arte Moderna da Bahia, que na época era dirigido por Lina Bo Bardi e estava instalado no foyer do Teatro Castro Alves. Depois do Museu de Arte Moderna foi a vez da Universidade da Bahia se sensibilizar com a causa e oferecer Salão Nobre da Reitoria, no Canela, para acomodar o Clube de Cinema da Bahia. Espaço onde

aconteceram mostras e debates calorosos e de onde surgiram os Cursos Livres de Cinema, tocados por Walter da Silveira, que criou também, junto Guido Araújo, na mesma Universidade através da Faculdade de Comunicação e do ACCB, um Setor de Cinema. O movimento cinematográfico baiano reunia, então, não somente os cinéfilos, mas jornalistas, artistas, intelectuais, estudantes e professores, que tiveram acesso a obras-primas do cinema de várias culturas, formando uma nova geração de críticos e realizadores. Fortalecendo, com o cinema, o Projeto de Desenvolvimento Cultural baiano de transformar Salvador em capital cultural do país. (CARVALHO, 2003).

Na época da pesquisa de Milton Santos a Cidade Baixa estava passando por transformações que alteraram o seu perfil quase que irremediavelmente. A nova Cidade Baixa, construída sobre os aterros do porto, passou a ser preponderantemente comercial, deslocando para a sua periferia as funções residenciais. Em algumas ruas, houve o crescimento da população pobre, atraída pela degradação dos imóveis em ruínas, devido aos despovoamentos que se seguiram. Em outras ruas, para onde o comércio se expandiu, utilizando-se de parte das velhas casas, acarretando a diminuição da população residente. Foi justamente naquele momento que o desenvolvimento econômico possibilitou meios técnicos e financeiros à cidade, ampliando suas funções urbanas e garantindo as condições para a chegada dos modernos transportes. O que resultou em adaptação às exigências do sítio, com isso alterando parcialmente sua topografia. A comunicação da Cidade Baixa com a Cidade Alta ganhou o alargamento, abertura de novas ruas e ladeiras e nivelamento de outras antigas. Sua população também cresceu e aumentou a pobreza geral, naturalmente refletindo na metrópole, de certo modo restringindo sua expansão econômica. “Assim, aquele nível de vida médio tem tendência a baixar cada vez mais, em consequência da presença de uma enorme população que não produz, e anula os esforços daqueles que produzem” (SANTOS, 1958:51). Durante os anos 50, Salvador sai do isolamento em que se encontrava após o esgotamento do modelo exportador colonial. Data desta época a construção da rodovia Rio-Bahia e a descoberta do Petróleo na Bahia. Tais fatos modificaram radicalmente o comércio pela via náutica, estabelecendo novos meios de conexão com as cidades do Recôncavo, integrando Salvador às grandes cidades do Sul, viabilizando a sua industrialização, possibilitando o surgimento de camadas médias e deslocando o desenvolvimento da cidade para o Litoral Norte do Estado. Tudo isto modifica a feição da Cidade Baixa. Muitas das atividades econômicas que ali eram exercidas passam

gradativamente a migrar para áreas hoje mais nobres da cidade. Desvalorizam-se imóveis e bairros. Como isto, Salvador quase vira as costas para o Recôncavo.

A implantação da Petrobrás marcou o início das atividades modernas de alta densidade e rentabilidade de capital na região. Abriu o caminho para a industrialização posterior, que transformou Salvador no espaço de expansão do capital monopolista nos anos 60, com a vinda de grupos do Centro-Sul, com a atuação da SUDENE e dos seus mecanismos de incentivos fiscais. Os impactos das atividades petrolíferas foram significativos no quadro da economia regional. Como diz Maria de Azevedo Brandão:

Mas, enquanto os processos econômicos mais dinâmicos nesses anos passavam por fora do complexo do açúcar, o advento da Petrobrás, apesar de sua estrutura gigantesca, de seu papel catalisador na ampliação e geração de intensas transformações no sistema viário, no mercado do trabalho e nos mercados bancário e imobiliário, criou um mundo novo e relativamente fechado, que se mostraria incapaz de revitalizar a região no seu conjunto, frente a uma estrutura social arcaica e desgastada. E as cidades históricas de São Felix, Maragogipe, Santo Amaro, Cachoeira, Nazaré, Jaguaribe, com o circuito de casarões e templos que pontuam a região, continuam a morrer (BRANDÃO, 1998:45).

No mesmo ano que Milton Santos defendeu sua tese na França, e a publicou (1958), Salvador viveu um período de grandes ebulições na vida cultural. Principalmente a partir da Universidade da Bahia no reitorado de Edgar Santos, com a criação da Escola de Dança Contemporânea, dos Seminários Livres de Música e da Escola de Teatro, que recebeu, naquele ano, importantes nomes do teatro nacional para integrar-se ao seu corpo docente. Estes profissionais tiveram importante papel na formação de parte significativa dos jovens atores baianos que viriam a integrar mais tarde o Cinema Novo, e um pouco depois, o Tropicalismo. (CARVALHO, 2003: 63).

Chegamos enfim ao nosso presente. Mas o século XX baiano parece partido ao meio. Até à década de 1950, a cidade da Bahia e o seu Recôncavo permaneceram compondo um espaço coeso, essencialmente tradicional. Ainda é a Bahia do saveiro, do terno branco, da vegetação exuberante, das ruas que se espreguiçam sob o sol. Tempos do chamado “enigma baiano”. Mas, a partir da década de 1960, tudo muda. Surgem estradas e distritos industriais, avenidas, trevos e túneis. A Cidade da Bahia explode para todos os lados, experimentando problemas e tensões até então inéditos. O observador sente-se tentado a recitar Baudelaire: “...la forme d’une ville/ Change plus vite, hélas!, que lê coeur d’un mortel...”. A Vanguarda estética vira a mesa numa vida universitária livre e criativa. Uma nova geração vai criar o Cinema Novo e a Tropicália. Salvador se volta para o litoral norte, divorciando-se do Recôncavo histórico. Os negros mestiços se afirmam como tais. A metrópole preserva a sua memória. E agora, ao ingressar no século XXI, prepara-se para se olhar no espelho – e meditar sobre o seu próprio sentido. (RISERIO, 2004:455)

Antonio Risério ilustra bem o que representou este período. A Escola de Belas Artes, onde estudou o diretor de *Esses Moços*, José Araripe Jr., reunia artistas plásticos e funcionava como um grande ateliê. Em 1959, o Curso de Arquitetura ganha autonomia, tornando-se Faculdade. Havia ainda outras atividades culturais como cursos, programas de intercâmbio internacionais, entre outras. Milton Santos figurava entre os nomes de professores que ministravam cursos de “Cultura Baiana”. Iniciou-se também o intercâmbio e as relações acadêmicas com outras universidades americanas e européias, promovidos principalmente com o objetivo de tornar Salvador um centro cultural de referência internacional. Maria do Socorro Silva Carvalho, em *A Nova Onda Baiana*, chama a atenção para um fato realmente curioso: apesar de todo o empenho da Universidade da Bahia, estimulando diversas manifestações artísticas que marcaram um movimento cultural em Salvador, o cinema não estava entre elas contemplado. E observa que, durante a criação do Museu de Arte Moderna da Bahia, ainda em 1959, Walter da Silveira reivindicava que, o novo Museu, dedicado às artes modernas, também se voltasse para a valorização histórica do cinema. Inclusive como documentação, interpretação e comunicação e de outras expressões artísticas.

Além das cidades do Recôncavo, da Feira e do cais da Rampa da Feira, onde ficam ancorados, Naldinho, Deco e Karina transitam em vários outros locais próximos da Feira. Um desses espaços é a Boate onde ela dança e se prostitui. Também nas ruas e becos das imediações onde podemos ver a degradação das casas e sobrados, no Forte São Marcelo e ainda em navios estrangeiros distantes do Porto, em ônibus e no Plano Inclinado. Somente uma cena do filme se passa na Cidade Alta. Os ambientes parecem entrar no mesmo ritmo e clima dos personagens que têm uma dinâmica frenética e bastante urbana. O jeito de ser desta gente também compõe a paisagem e o cenário destes filmes. O trabalhador de um armazém de farinha tenta proteger as garotas dos marginais, um transeunte se solidariza com o velho e tenta convocar outra pessoa para continuar em seu lugar. Ou ainda um casal de senhores amigos de Diomedes se encanta para ficar com as meninas e termina sendo escolhido pela menor Daiane. A cafetina da Boate que vai liberar Karina da cadeia por esta haver se envolvido em um incidente num navio. A solidariedade também é uma marca na história de *Esses Moços* e *Cidade Baixa*.

Atualmente em alta, os Trapiches estão sendo re-valorizados com a restauração e transformação para outros fins, criando novos espaços na cidade, desde estacionamento a Casa de Shows, Restaurantes e Bares sofisticados, além de Shopping de Móveis e *Designer*, recentemente transformado em Espaço para eventos e festas de luxo com direto a vista para o mar. Esta semana foi divulgada em matéria do Jornal A Tarde, a venda do trapiche Barnabé, para ser transformado em um Centro de Produção de Cinema, luta bastante antiga da classe cinematográfica baiana. Segundo a matéria, o Trapiche Barnabé, que já se anuncia desde fora com grafites inspirados em filmes de arte, tem um projeto apresentado por cineasta francês, radicado há 6 anos na Bahia e o mais novo proprietário do Trapiche, Bernard Attal e a produtora Diana Gurgel, responsável pela direção-executiva. A idéia divulgada é buscar parcerias para se juntar a um grupo de investidores estrangeiros já interessados no projeto. Reuniões com o órgão da Prefeitura o Escritório de Revitalização do Comércio de Salvador, que diz se comprometer com incentivos fiscais e infra-estrutura urbana. Depois de 2 anos negociando a compra do espaço que tem mais de 50 herdeiros, querem logo botar as idéias no papel, como disseram: uma espécie de “plano diretor” que irá nortear a reforma. Attal dirigiu, em parceria com Joselito Crispin, do Movimento Bagunçaço, 29 *Polegadas* e *Ilha dos Ratos*, dois curta metragens também realizados na Cidade Baixa, nos Alagados, resultado de um trabalho premiado de ambos com a comunidade.

O projeto Arquitetônico será escolhido em concurso, a ser realizado no primeiro semestre do ano que vem. As obras estão previstas para começar no segundo semestre do ano que vem. Ainda este ano segundo Diana, serão feitos estudos de sondagem do solo e da estrutura da edificação. “Afiml, estamos sobre aterro”, lembra a diretora executiva. Ela também produz um documentário sobre Santa Luzia, bastante reverenciada no Comercio. Dirigido por Bernard, filmado em Salvador e no interior do Estado, o longa deve ser lançado em até dois anos.(A TARDE on line, “Trapiche vais virar centro de cinema”, por Katherine Funke , acessado em 27/01/2006)

Esta é mais uma iniciativa que somada as outras que, possivelmente, já fazem parte de um plano maior, o qual vem sendo discutido pelo Estado, Município e setores afins nos últimos anos sobre a revitalização do comércio de Salvador na Cidade Baixa. Se não, no mínimo, reforçam o coro dos que acreditam num projeto coletivo propondo uma grande investida pública e privada na expansão e modernização do comércio e cais do Porto da Cidade Baixa. Atualmente tomando um novo pulso, o comércio na Cidade Baixa tem alojado até novas Faculdades. O novo padrão de urbanização pelo qual vem

passando Salvador depois de suas avenidas que correram pelos vales, e se estenderam até a região do Iguatemi, hoje ampliada pelas adjacências da Paralela e da orla seguindo a Estrada do Coco, fez surgir negócios e serviços por onde a cidade se firmava. Causando o esvaziamento de algumas áreas da Cidade Baixa e um adensamento populacional em outras. Ao que parece, a forte relação do Cinema com Salvador e sua região central está novamente em sintonia. Conforme divulgado na imprensa no ano passado, o centro deverá estar ganhando, nestes próximos anos, também o Complexo Glauber Rocha. O projeto de reforma do antigo Cine Glauber Rocha, localizado na parte alta do comércio, em frente a Praça Castro Alves, em pleno coração da Cidade Alta, coordenado por Cláudio Marques, já se encontra em andamento, com as obras para construção de um complexo com várias salas de cinema.

Um Projeto de Plano Metropolitano de Desenvolvimento foi apresentado ao Município pelo, o ambientalista e urbanista Ronan Rebouças Caires de Brito, professor da Universidade Federal da Bahia, que propõe a retomada da forte relação física e econômica entre Salvador e o Recôncavo e do desenvolvimento sustentável que banha toda a franja da Baía de Todos os Santos. Ronan Caíres diz existir vários projetos para essa zona, mas segundo ele, os mesmos têm um foco mais construtivista, são projetos que se distanciam da história do lugar, propondo a substituição dos antigos armazéns por edificações de hotelaria e lazer mantendo assim uma cultura consumista. Sobre o Projeto, Prof. Ronan chama a atenção:

Vale ressaltar, que um projeto desta magnitude irá ter que necessariamente mobilizar uma capacitação profissional relevante, não poderá ser realizado sem a parceria direta de órgãos governamentais e não governamentais e sua implementação final deverá se dar através de instrumentos do tipo Consórcios Municipais com uma ampla discussão de todos os seus seguimentos com as sociedades diretamente envolvidas. (BRITO, Projeto Metropolitano de Desenvolvimento da Baía de Todos os Santos: 2005).

O sociólogo e professor da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA, Gey Espinheira, fala da preocupação com as comunidades que ele chama de “estabelecidos” e “desafortunados”, e também com as mudanças que possam vir alterar de forma significativa a imagem e o conteúdo da Cidade Baixa e seus signos da cultura baiana, que se reproduz cada vez mais influenciada pelo turismo. São eles os proletários que povoam, sobrevivem e trabalham em uma variedade de atividades e funções na luta pela sobrevivência nesta região da cidade. Alguns dos importantes questionamentos de Gey Espinheira e sua equipe: “Que lugares terão reservados para essas pessoas quando o seu

habitat for re-qualificado? Que possibilidades terão quando forem tocados pelos projetos de transformação urbanística? Que possibilidades têm de serem abordados positivamente pelos projetos?” Alguma semelhança da realidade com a ficção? Os personagens de Diomedes, Lene, Daiane, Deco, Karina e Naldinho, incluindo os demais coadjuvantes de *Esses Moços e Cidade Baixa*, fazem parte do imenso cordão dos “desafortunados”, assim como boa parte dos personagens de *A Grande Feira*. Os Professores Gey Espinheira e Ronan Caíres de Brito, acreditam em um projeto de Desenvolvimento para a Cidade Baixa, que possa estar voltado não exclusivamente para o Turismo, mas, sobretudo que tragam novas possibilidades e perspectivas de revitalização e re-qualificação da vida sócio-urbana de seus moradores e principais agentes históricos.

*“Partir da imagem, das imagens. Não procurar nelas explicação, confirmação ou desmentido de um outro saber, aquela da tradição escrita. Considerar as imagens tais como são, com a possibilidade de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Assim, um método lembraria o de Fevre, de Francastel, de Goldmann, desses historiadores da Nova História, da qual definiu a vocação. Eles conduziram a seu legítimo lugar as fontes de origem popular, escritas de início, depois não escritas folclore, artes e tradições populares, etc. Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é história tanto quanto a história”. (Cf. Marc Ferro. “O Filme: Uma Contra Análise da Sociedade?” in Le Goff, J. e Nora, P.(org). *História: Novos Objetos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves,1976, p.203.).*

## **Bibliografia:**

BRANDÃO, Maria de Azevedo (Org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Academia de Letras da Bahia e UFBA, 1998. 260p.

BRITO, Ronan Rebouças Caíres.**Projeto Metropolitano de Desenvolvimento da Baía de Todos os Santos**, Fundação Ondazul, 2005.

CARVALHO, M<sup>a</sup> do Socorro Silva. **Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)**. Salvador: EDUFBA, 1999. 282p.

\_\_\_\_\_. **A nova onda baiana: cinema na Bahia 1958/1962**. Salvador: EDUFBA, 2003. 218p.

ESPINHEIRA, Gey. **Uns e Outros: estabelecidos e dos desafortunados – um estudo sobre a sobrevivência nas ruas do centro da cidade de Salvador**, CRH/PIBIC,2005.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **"Fazendo Fita": cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1887/1930**. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2002. 209p.

LEITE, Sidney Ferreira. **Cinema brasileiro: das origens à retomada**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005. 159p.

RISÉRIO, Antonio. **Avant-gard na Bahia**. São Paulo: Inst. Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma história da cidade da Bahia**. Salvador: Versal Editores, 2004. 620p.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979. 156p.

\_\_\_\_\_. **O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958. 201p.

Entrevista de Sérgio Machado concedida à Cleber Eduardo, acessado em 06/11/2005.  
<http://revistaepoca.globo.com/Época/0,6993,ept965824-1655,00htm>

“Novo centro de cinema em Salvador” por Katherine Furke, acessado em 16/12/06.  
<http://mail.google.com/mail/?&ik=d3d04b513a&th=1090e>

“Trapiche vais virar centro de cinema.” por Katherine Funke, acessado em 27/01/2006.  
<http://mail.gogle.com/mail/?&ik=d3d04b513a&th=1090e8>

## **Filmografia:**

**A GRANDE FEIRA**. 1961, Ficção, Brasil (BA), 35mm, p&b, 92min., Direção: Roberto Pires, Produção: Rex Schindler/Braga Neto; Assistente de Direção: Walter Webb, Argumento: Rex Schindler, Roteiro/Montagem: Roberto Pires, Direção de Fotografia: Helio Silva; Elenco: Geraldo del Rey, Helena Ignes, Luiza Maranhão, Antonio Luis Sampaio (Pitanga), Milton Gaúcho, Roberto Ferreira, David Singer, Walter da Silveira, Cuíca de Santo Amaro.

**ESSES MOÇOS**. 2004, Ficção; Brasil (BA), Cor, 84 min. Direção: José Araripe Junior. Produtora: TRUQ- [Produtora de Cinema TV e Vídeo](#), Roteiro: José Araripe Jr., Hilton Lacerda, Ricardo Soares, Victor Mascarenhas Diretor de Fotografia: Hamilton Oliveira, Diretores Assistentes: Jairo Eliodoro e Ader Kibe Paz, Direção de Arte: Gilson Rodrigues, Elenco: Inaldo Santana, Chaiend da Cruz Santos, Flaviana Silva, Lázaro Machado, Edmilson Mimí, Francisco Pithon, João Miguel, Rita Santana, Arly Arnoud, Gildeon Rosa,

**CIDADE BAIXA**. 2005, Ficção, Brasil (BA/RJ), Cor; 35 mm, 110 min. Direção: Sérgio Machado, Roteiro: Sérgio Machado, Karim Ainouz, c/colaboração de Adriana Rattes e Gil Vicente Tavares, Dir. de Fotografia: Toca Seabra, Produção: Maurício Andrade Ramos e Walter Salles, Preparação de Elenco: Fátima Toledo, Elenco: Wagner Moura, Lázaro Ramos, Alice Braga, Harildo Deda, Maria Menezes, João Miguel, Débora Santiago, Valéria, José Dummont, Gerônimo, Dois Mundos, e outros, , A.B.C.

Montagem: Isabela Monteiro Produtora: [VideoFilmes](#), EBA - Empresa Brasileira de Audiovisual Distribuição: Lumière.

**SAMBA RIACHÃO.** 2005, Documentário, Cor & PB, 2005, 35 mm, 86 min. Direção e Roteiro: Jorge Alfredo Guimarães, Produção Executiva: Moisés Augusto e Sylvia Abreu Produtora: [Truq Produtora de Cinema TV e Vídeo](#) Fotografia e Câmera: Pedro Semanovschi, Direção de Produção: Taissa Grisi, Montagem: Tina Saphira, Direção de Arte: José Araripe Jr. Elenco: Riachão, Bule Bule, Dorival Cayme, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Carlinhos Brown, Armandinho, Tom Zé, Distribuição: Pandora Filmes.